

O SÉCULO

Nº 1627 • 4-3-69 • preço 5\$00

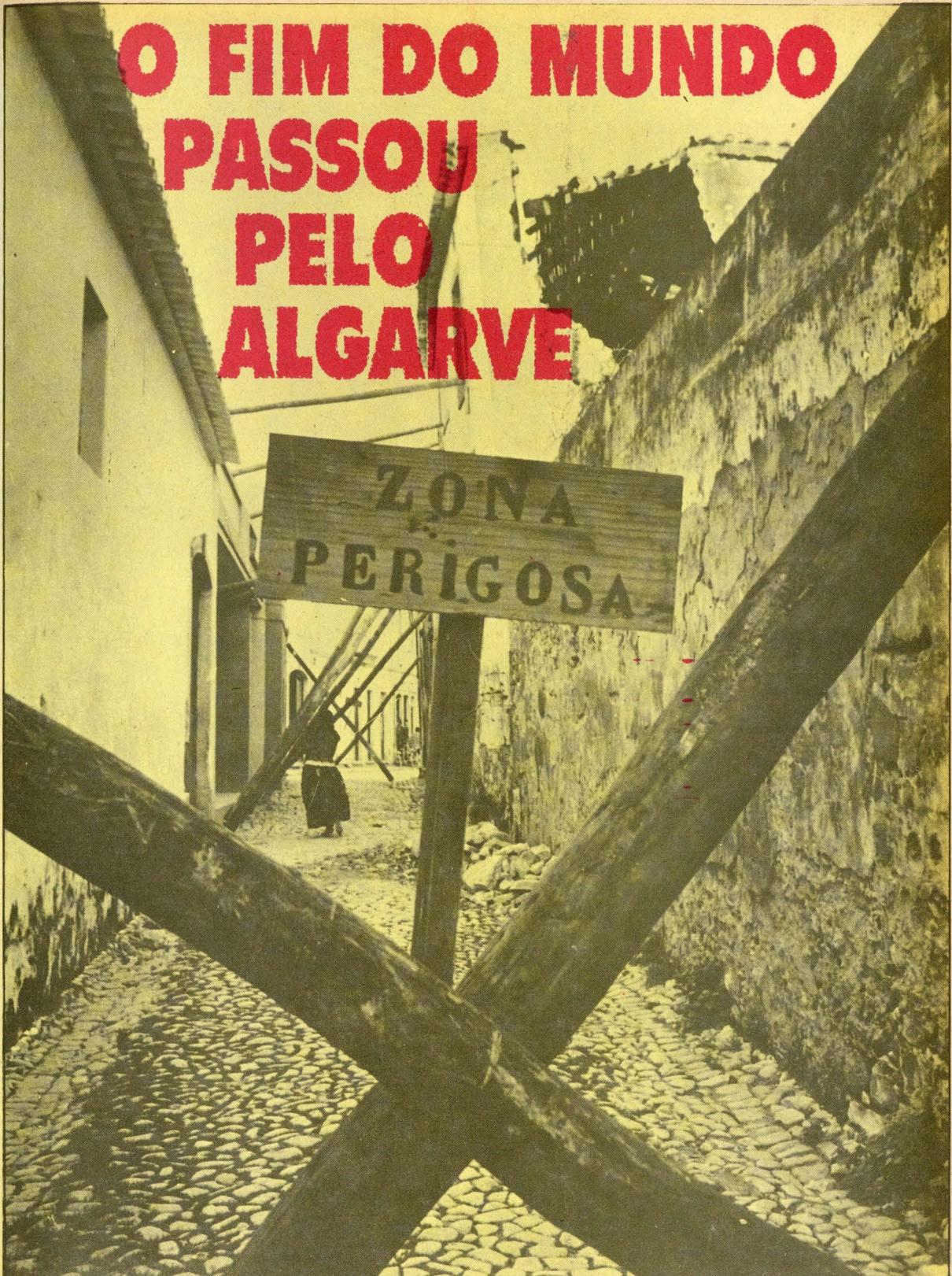
# ilustrado



A NOITE EM QUE PORTUGAL TREMEU

# O FIM DO MUNDO PASSOU PELO ALGARVE

ZONA  
PERIGOSA



**S**ÃO 9 horas da noite de quinta-feira, 27 de Fevereiro de 1969. Em Castro Marim, Maria Marques Pereira, enfermeira do hospital local —

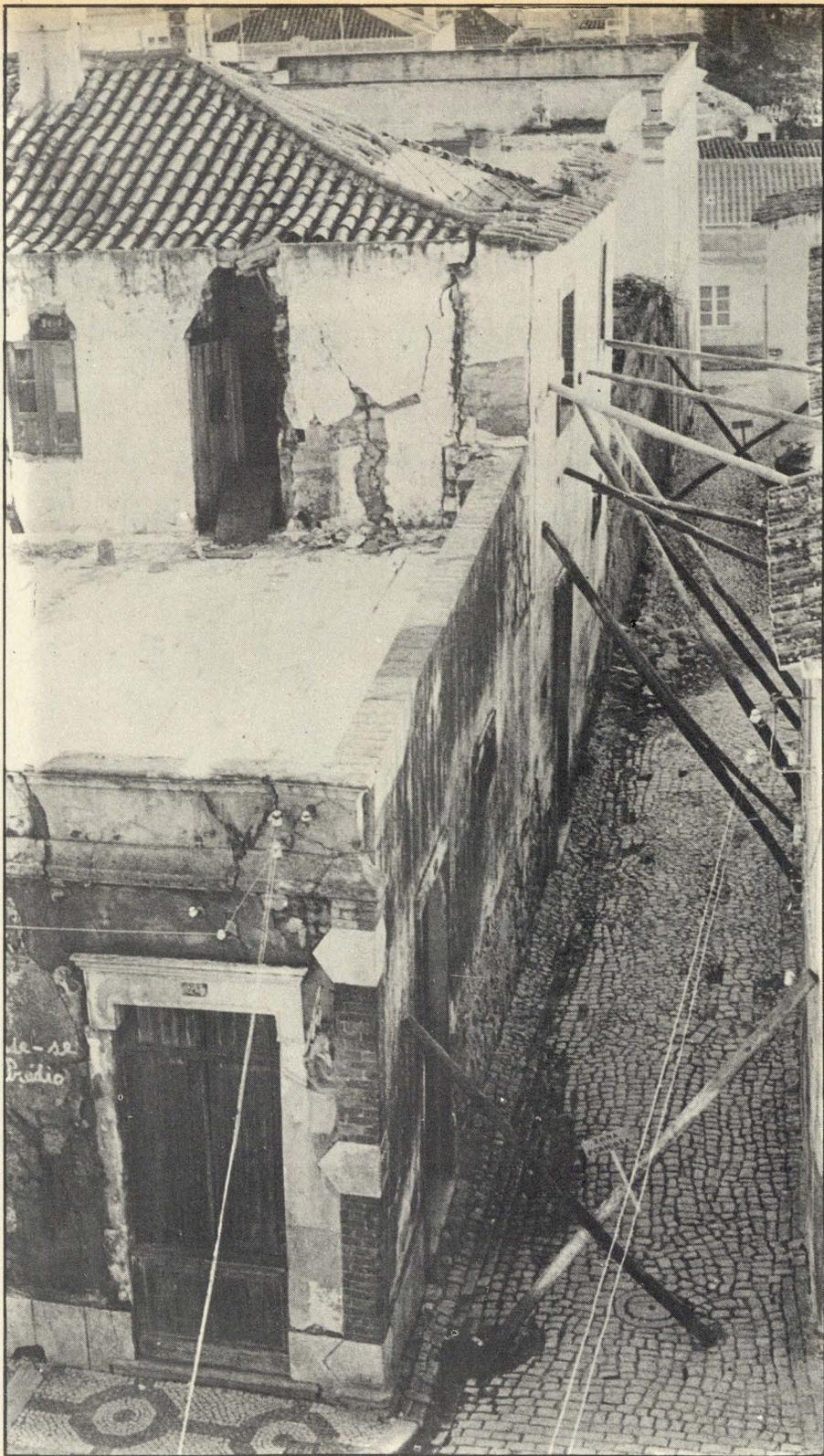
designação pomposa do velho edifício situado em ruína quase intransitável, onde um médico dá consulta duas vezes por semana — prepara-se para se deitar. A povoação fica a escassos 4 quilómetros de Vila Real de Santo António, dominando de uma elevação de terreno os campos que se estendem até ao mar e ao Guadiana. A enfermeira reside no próprio hospital, no primeiro andar, com uma sobrinha, desde há 7 anos. É conhecida como pessoa solícita, discreta, dedicada aos seus doentes.

A mesma hora, no outro extremo do Algarve, em Vila do Bispo, a 9 quilómetros de Sagres e a mais de 200 de Castro Marim, um homem jovial e possante — embora paralisado da cintura para baixo — de intensos olhos azuis, de seu nome João Marreiros porém conhecido por João Rosado, prepara-se também para mais uma noite no seu leito de inválido. Tem 58 anos, mas a vaticinar-lhe a idade pela tez saudável, a língua rápida e os olhos de um brilho contagiante, ninguém lhe daria mais do que 45 ou 50.

Não se conhecem, nunca se viram, não suspeitam um do outro. São estranhos perfeitos. Mas o sono de ambos vai ser interrompido, 15 minutos antes da 4 da madrugada, por uma causa comum: a terra vai tremer, o Algarve típico e folclórico vai ficar estalado, fendido, rachado, em muitos casos vai ruir por completo.

E, paradoxalmente, depois do susto por que ambos vão passar, a derrocada transformar-se-á, para a primeira, em pretexto de esperança («Talvez tenha sido por bem, quem sabe...») enquanto o outro pressentirá com humilhado desespero que acaba de esboçar-se mais um dos poucos bocados da sua vida que restam de pé («A minha filha veio de Lisboa para buscar-me, mas eu não fui; que vou eu fazer para dentro de um terceiro piso da cidade, não me dizem agora? Ao menos, deixem-me acabar de viver onde conheço povo»).

Ambos continuarão a não saber um do outro. Terão estado juntos, sem o saber, por



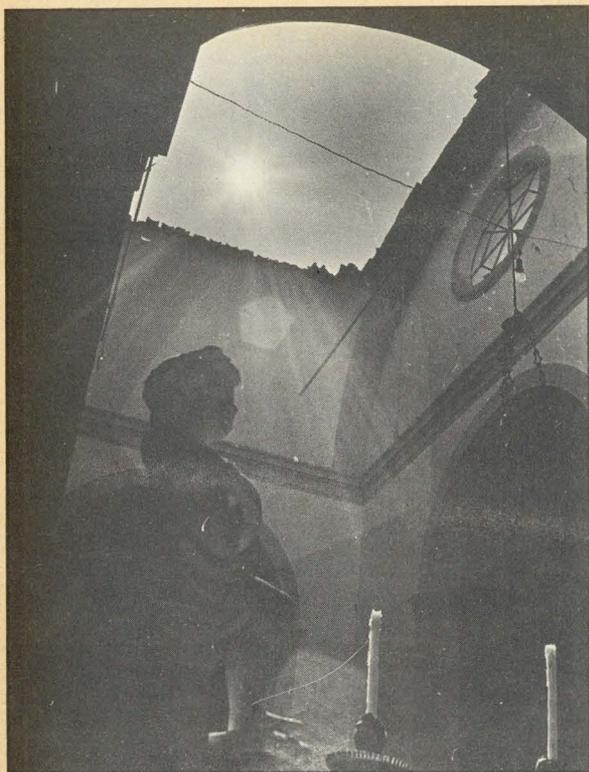


Castro Marim. Hospital. «A zona da maternidade aluira. Quando descia a escada, caiu a parede para o meu lado»

Vila do Bispo. Restos da casa de João Marreiros. «E agora fico a dormir onde dormiam os animais»

Vila do Bispo. João Marreiros. «Um homem como eu, que não sofro de nada, além do que se vê»





Tavira. Igreja de S. Francisco. «Vê-se o céu e chove lá dentro»

Faro. Fábrica de gelo de José Custódio Correia, na travessa da Madalena. O empregado Francisco Barba Gonçalves perdeu todos os seus haveres



Agora que as casas estão por terra, agora que as paredes e os muros revelam as suas cores mais íntimas, agora que as pedras que antes foram defesa, rolam pelo chão como frutos de cabaz entornado e oferecem as entranhas dos lares aos olhos de quem for servido, surge uma nota ilógica, dissonante, no espectáculo: a destruição não tem o ar de frescura que esperávamos. Derrocadas com breves dias têm a cor terrosa, cansada e gasta de abandonos de muitos anos. Afinal, as empenas que ontem se partiram, a argamassa que se escondia atrás do estuque, têm, um ar de velharia, de ferrugem. Porquê a estranheza? Porque um corpo humano, uma árvore, um bicho, quando golpeados, fásçam entre os lábios da ferida? Talvez. Enfim, aconteceu: passávamos à beira de uma casa em ruínas, parámos para recolher a fotografia, fez-se a fotografia, perguntámos à vizinhança se na noite da derrocada da modesta habitação alguém fora atingido, disseram-nos que não e esclareceram:

— A casa foi expropriada há vários anos por causa da estrada, os donos abalaram, o tempo tem-na deitado abaixo aos poucos. A noite do estremeção pouco a abalou.

Ao primeiro safanão, Maria Marques Pereira acordou aterrorizada.

— Deixei-me ficar muito quieta, mas depois ouvi um grande ruído, como do prédio a cair e fui ver do que se tratava. A zona de maternidade, que tem 2 camas e onde por sorte não estava nenhuma parturiente, alúira. Alguém me veio buscar a casa e à minha sobrinha e me disse que fugisse, que ia cair tudo. Assim fiz, mas estava tão aturdida que foi preciso trazerem-me às carreiras. Quando descia a escada, caiu a parede para o meu lado. Ainda me apanhou uma perna, mas foi um milagre não ter ficado soterrada.

O mesmo acontecia, pouco mais ou menos, em toda a vila. António Martins, proprietário e dono de uma taberna na Rua Dr. Oliveira Salazar e sua mulher viam cair bocados de parede à frente, impedindo-os de avançar, enquanto atrás tombavam garrafas e móveis, que não os deixavam recuar. «Ficámo-nos ali».

A situação de muitos dos

habitantes de Castro Marim, cujas acasas não ruíram completamente, é sintetizada por um rapazinho com ar aciganado, que comenta friamente, em voz monótona, postado em contemplação frente à empena fendida da casa que habita:

— E não temos mais remédio que é viver assim subjulgados: se a parede cai, cai para cima de nós; se não cai, a gente vive. Mas onde se não-de agasalhar as pessoas senão dentro de casa, com estes frios?

A enfermeira está agora a viver numa casa que, por favor, alguém lhe cedeu por uns tempos. Na sua voz, há uma alegria secreta: as personalidades que visitaram o que resta do hospital falaram-lhe da construção de um edifício novo, com mais camas, melhores condições. «Há males que vêm por bem», remata ela, «se o prédio não tivesse ficado neste estado, era natural que lhe dessem só uns arranjos ligeiros e dissessem que tinha que ficar assim mais tempo.»

João Rosado, aliás João Marreiros, está sentado num triciclo de rodas, pára-águas fechado entre as pernas vestidas de calças de ganga azul («aquí estou com quatro ferros nas pernas e duas muletas para meter nos sovacos, se cair não me aleventos»), samarra forte com gola de pele, ar prazenteiro e duas vizinhas à ilharga. Diz:

— Meu senhor, pergunte o que quer saber, presto-me a tudo.

E conta: fala quatro línguas, é casado, tem 3 filhos, trabalhou em todo o Mundo, conhece as sete partidas e se for preciso «faz a sua protesta ao Presidente da República — com quem andei a bordo de um navio da nossa Marinha de Guerra, sendo eu grumete-fogueiro e ele tenente, há muitos anos — assim como a faço a si, como a fiz ao senhor ministro, como a venho fazendo ao senhor governo dos Estados Unidos da América e ao senhor consulado dos Estados Unidos da América».

Mas o que tem João Marreiros a ver com esse «senhor governo»? Ele explica:

— Trabalhei na América, na construção civil, durante 10



Fontes do Louzeiro. Viu-se as paredes descerem para dentro do chão

anos menos 10 dias. Parti a espinha em Filadélfia, numa obra e um dia acordei assim entevado, com um tubo nos intestinos para evacuar e outro na Natureza. Voltei para Portugal em 1960 e como me faltavam esses 10 dias para perfazer esses 10 anos, o senhor governo americano notificou-me, seis meses depois, de que eu deixava de ter direito à pensão de 111 dólares que vinha recebendo, por mês — e que já me dava para viver. Ora, como eu também estive em Porto Rico a trabalhar e soube que esse tempo podia contar, se eles quisessem, pedi-lhes que me contassem esse tempo. Pois que não, que não constava nos registos que eu tivesse ali estado nos anos que indiquei, de 1945 a 47. É claro que não consta nem pode constar, porque eu entrei ilegal e saí ilegal, como entrei também ilegal nos Estados Unidos e cheguei a ser preso e deixar fiança de 1000 dólares para poder sair em liberdade, até que fiquei legal. Por isso, resolvi que havia de ir a Porto Rico, à pergunta dos meus direitos, porque sei que conheço lá pessoas que hão-de testemunhar por mim. E o senhor presidente da Câmara me fez o grande favor de tirar-me o passaporte e um parente emprestou-me 20 contos para a viagem. Isto já passa de um ano. Quando fui a tratar do visto, o senhor consulado americano recusou-mo a pretexto que eu vim de lá reportado, o que não está certo: eu até paguei a minha viagem e nunca fui reportado. (Nem podia ser, que eu não sou homem de clubes nem de sociedades, só sou homem de trabalho e para tratar da vida e nunca arranjei sarilhos a nenhum senhor governo).

E a rematar:

— Pois é assim como vê. Agora pergunto se há justiça e que qualidade de sentimentos é o do senhor governo dos Estados Unidos, que é a nação número um ao cima da Terra, quando faz uma coisa destas a um homem como eu, que não sofro de nada, além do que se vê, que vejo e oiço e tenho boa mentalidade e não tomo um remédio e sou capaz de estar 24 horas sem comer e só quero ir à pergunta dos meus direitos. E agora, para cúmulo, ainda me cai a



Fontes do Louzeiro. «Ai Deus, acode-me. Pus as mãos e disse isso»

**casa e fico a dormir onde dormiam os animais.**

Porque a casa de João Marreiros, o dos olhos azuis, caiu, lá em Vila do Bispo. E aqui, os olhos azuis de João Marreiros ficaram vermelhos e encheram-se de lágrimas e palavra que os meus também.

Agora que se vai conhecendo mais completamente a real extensão do abalo de 28 de Fevereiro passado, torna-se possível caracterizá-lo como verda-

deiro desastre nacional: efectivamente, se uma catástrofe ganha mais trágicas proporções devido ao impressionante meio milhar de vítimas que originou e se, por esse motivo, se impõe mais obviamente ao espírito das pessoas, é irrecusável que a extensão dos efeitos do tremor de terra à **totalidade** do nosso território, aliada às suas consequências **devastadoras** ou de **simples deterioração** em volumosa percentagem dos lares portu-

ses, dão ao acontecimento uma gravidade de que dificilmente se apercebem os que, habitando construções sólidas e recentes, tendem a pôr em relevo a recordação do susto por que passaram, visto não terem tido prejuízos de maior nos teres e haveres.

Nas últimas páginas deste caderno especial faz-se uma síntese da dimensão territorial do abalo, pela qual se vê que, praticamente, aglomerado nenhum foi poupado, embora as consequências difiram. De longe, porém, a região mais sacri-

ficada foi, sem sombra de dúvida, o Algarve. A nossa reportagem percorreu atentamente essa província e cremos calcular por defeito se afirmarmos que, das pequenas habitações de tipo rural, 1 em cada 3 ou em cada 4 ruuiu ou ficou de tal modo danificada que terá que ser apeada, por inabitável. Casas de pé, ficaram bastantes, mas não é fácil encontrar uma que não tenha fendas mais ou menos profundas.

Facto verdadeiramente surpreendente, para os que, como

nós, visitaram as povoações devastadas — e também, certamente, para os nossos leitores, em presença dos documentos fotográficos que publicamos — é a inexistência, praticamente, de desastres pessoais. Além de um homem que morreu soterrado em Lagos e de um motorista de camião gravemente ferido, em Portimão, na derrocada (posterior ao abalo) de um muro por sobre a cabina do veículo que conduzia, há que lamentar unicamente os óbitos provocados por crises cardíacas desenca-

deadas pelos terríveis momentos de aflição: no total — e em todo o País — cerca de 15 mortes.

Em inúmeros casos — na quase totalidade, mesmo — o reduzido número de vítimas só é explicável por uma invulgar coincidência de sortes individuais: por uma razão ou por outra, uns porque não estavam em casa, outros porque se levantaram, outros porque não o fizeram, quase todos os habitantes de casas que ruíram pouco mais sofreram que o susto.

Diz-se que Tavira tem 19 igrejas, embora apenas 3 estejam a funcionar: S. Tiago, S. Francisco e Santa Maria.

— **Vê-se o céu e chove lá dentro** — disseram-nos quando nos acercávamos da de S. Francisco.

O sacristão, Arsénio Manuel Pereira, a mulher, Maria Teresa Pereira, e os dois filhos de ambos, de 4 e 1 ano, respectivamente, vivem num anexo da própria igreja. Logo

após o abalo, ouviram grande fragor: a abóbada da capela de Nossa Senhora das Dores caíra sobre o altar respectivo, destruindo-o.

— **Quando viemos a assomar, ainda atemorados, vimos logo o céu por esse buraco. Era entulho e pedras e mais pedras. Um horror. Havia tanto pó, que parecia que o fogo tinha dado na igreja. E há muitas fendas por aí, noutras sítios.**

E recordam ainda:

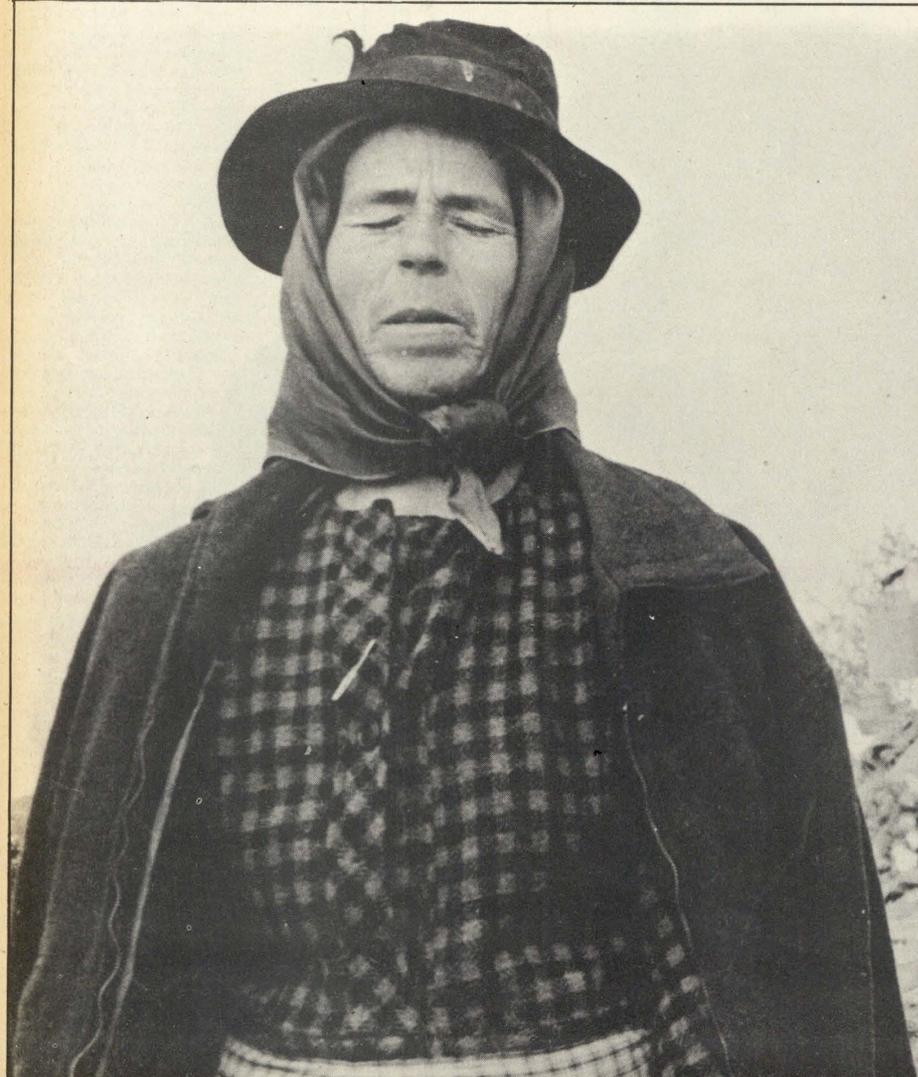
— **Na igreja do hospital (situado em frente à de S. Francisco), havia gente a velar um defunto. Quando foi do estremeção, saltaram todos para fora a gritar.**

Em Faro, um empregado do restaurante Flórida contou-nos:

— **Muitos estrangeiros apanharam um susto tal, que, ao alvorecer, ainda se viam muitos pelas tasquinhas, a beber vinho, a comer, e com um ar enfiado, mal refeito.**

Nesta última cidade, Francisco Barba Gonçalves dormia, com a mulher, um filho e a sogra, na residência instalada no primeiro andar de uma fábrica de gelo, da qual é proprietário José Custódio Correia, instalada na travessa da Madalena. A primeira sacudida lançou por terra toda a cobertura do armazém da fábrica, contíguo à residência. Compreendendo o perigo, o homem saiu rapidamente, com a família, para a rua. Mal acabara de pôr pé no último degrau, o prédio abateu fragorosamente, arrastando e destruindo a escada que acabavam de utilizar. Na derrocada, perdeu todos os seus haveres: trem de cozinha, um rádio, a mobília, etc. O proprietário está na disposição de reconstruir, dado que ainda é possível recuperar parte da maquinaria danificada.

José Horta tem uma venda de vinhos e comidas, em Loulé, num gaveto do antigo Hotel Castanho: **rés-do-chão** e uma arrecadação que ele arranjava para servir de casa de pasto. Paga 350 escudos por mês, de arrendamento. A terra treme, caem sobre a casa de pasto telhado, sobrado e paredes,



**Fontes do Louzeiro. «A gente está brutos. A gente está brutos»**

soterradas ficam mesas, vasilhame, garrações, sacos de géneros, louças. O prédio vai ser apeado, ameaça derrocada completa, uma empena pende sobre a rua e segura-se de pé apenas porque está escorada com fortes barrotes que se apoiam nas casas da frente. Se essa empena se tivesse desmoronado, teria atingido os prédios fronteiros, poderia ter provocado uma reacção em cadeia, uma tragédia.

José Horta é um homem pequeno, seco, falador. Embora já não seja novo, mexe-se ainda muito bem, retouça sobre os montes de entulho rosando resmunguices em monólogo. Só o canto que tem balcão, a parte de taberna, é ainda utilizável. A rua da venda de José Horta tem agora um letrero: «Zona Perigosa».



Fontes do Louzeiro. «O macho ficou com o pescoço avariado» por não ter conseguido soltar-se desta corda»

Para os aficionados do Algarve, existe um ponto de romagem obrigatório, a respeito do qual há uma espécie de mito, de lenda implícita: «aqui

Fontes do Louzeiro. Uma casa e quinze montes de entulho





Barão de S. Miguel. «Ninguém sofreu de corpo. Foi uma misericórdia nesta terra»

começou tudo e, ainda hoje, aqui há um encanto especial». É Albufeira. Embora não figurasse em nenhuma das listas de localidades atingidas de que dispúnhamos, fomos até lá. E Albufeira, como estaria? Está bem, muito obrigado. Por inexplicável que pareça, foi certamente das localidades do Algarve que menos sofreu com o sismo: nos estabelecimentos hoteleiros e casas comerciais, são leves os vestígios e o mesmo sucede, parece, nas habitações. Bares e boîtes, encerrados nesta época, estão intactos, ao que parece: sede tranquilos, portanto, amantes de Albufeira. O vosso brinquedo não está escangalhado.

De resto, o turismo pouco parece ter sofrido: o abalo preferiu atacar as habitações mais modestas, certamente porque os hotéis e blocos de apartamentos, mais modernos,

Barão de São Miguel. De uma só rua. 30 ou mais casas derrubadas?



sabiam melhor resistir. Não se registaram êxodos em massa de turistas assustados, na manhã seguinte, e mesmo na própria ocasião alguns limitaram-se a telefonar para a recepção ou a vir ao vestíbulo saber o que acontecera. Como sempre nestes casos, como em Novembro de 1967, os que mais sofrem são os que menos podem.

**Boliqueime.** A meio-caminho entre Faro e Portimão. Nas imediações da estação de caminho-de-ferro, um homem vagueia entre os escombros do que foi uma oficina de mármore. Chama-se Raul Neves dos Santos. Tem mulher e filha.

— Estava a tentar estabelecer-me por minha conta. Tinha cá 3 rapazes a trabalhar comigo. Arrendei isto ao proprietário Joaquim Pontes Fáisca por 800 escudos por mês (ele ficou com mais 8 prédios arruinados em Boliqueime). Tinha feito obras recentemente, estava a viver, provisoriamente, ali ao lado, tinha máquinas, tinha uma furgoneta para transportar a pedra, tinha mobília — tudo desfeito. Salvei-me porque me meti na casa de banho com a minha filha: é uma casa de banho forte, que eu mandara fazer de cimento. A minha mulher foi para a porta e não conseguiu abri-la, já as paredes estavam tortas. Só de arranjo da furgoneta, que estava dentro da oficina, pedem-me 8 contos. A minha filha, apesar de lhe cair na cama uma pedra com uns 20 quilos, salvou-se. Mas os vizinhos de além foram parar ao hospital, quando a parede da oficina tombou para cima deles. Costelas e clavículas partidas, sei lá. Costumava ir buscar a pedra a Estombar, a São Bartolomeu de Messines, outros sítios. Chegava e dizia: «Está aqui esta pedra que me convém, levo-a agora». Quando podia, pagava. Agora, já se sabe, cada qual defende-se, já me dão desculpas, que a pedra faz falta para outro... como sabem que tive prejuízos, calculam que não vou poder pagar e não facilitam e o meu negócio não anda. E onde vou buscar o dinheiro para pagar o arranjo da furgoneta?

Nos campos, em redor, há trigo e fava. As árvores são alfarrobeiras, amendoeiras, algumas oliveiras. Disso vive Fontes de Louzeiro, povoleu a 4 quilómetros de Alcantarilha, a 6 de Alzog, a 13 para nascente de Silves. Chega-se lá a pé, pelos campos, ou de «Land-Rover» com tracção nas quatro rodas, por gentileza do comandante dos bombeiros de Silves, Salvador Sousa Fava. De outro jeito não se chega, que há 4 anos os proprietários da zona gastam dinheiro para arranjar um caminho que continua intransitável, atoleiro com 1 quilómetro e 900 metros, para cuja pavimentação ainda não houve verba, certamente devido à sua prodigiosa extensão...

Fontes de Louzeiro tem poço, telefone e não tem electricidade. Tinha 16 casas e 70 pessoas conformadas. Desde as 3 horas e 45 minutos de 28 de Fevereiro tem 1 casa (com fendas), 15 montes de entulho, umas paredes desirmanadas à espera de serem apearadas e metade da população a dormir num armazém de alfarroba. Diz-se que é por causa da existência de uma barreira arenosa, movediça, tornada ainda mais mexida pelas chuvas insistentes. Mas isso, agora, é conversa fiada.

O que interessa é que Emília Joaquina Baptista, o marido e o filho viram as paredes descer para dentro do chão, antes de tudo se desconjuntar. O que interessa é ela se salvou por se ter «arrimado à redinha» e ter esperado que passasse «o estremeção grandes».

O que interessa é que José Varela Cabrita diz «já estar acostumado a uns encontrões-zitos, mas coisa assim é que não se precavia.» Quando saiu para a rua, por entre montes de pedras que pararam, miraculosamente, ao lado da cama onde dormia, «as 3 bestas estavam bem, no curral, arruinado, mas uma, o macho, ficou com o pescoço avariado e anda com a cabeça de banda... façolhe uns chás e deixo-o curar-se nos campos.»

O que interessa é que todos, na povoação, bradaram de Francisco Sebastião da Graça, por ter gasto — diz-se — um ror de contos de réis a construir um armazém de alfarroba com uma traves de cimento e ferro de uma grossura disparatada — mas agora, é lá

que se acolhem e louvam o que parecia desbarato.

O que interessa é que Herminia da Conceição «Solidade» viu despenhar-se, desamparada, uma trave sobre a sua cama — que não lhe tocou.

— Já nem olhei mais para a parede a cair. «Ai Deus, acode-me», sentei-me na beira da cama, pus as mãos e disse isso.

O que interessa é que esta gente vê em cada estóico que se aventura a ir a Fontes de Louzeiro um Messias — pois o que há-de lá levar as pessoas senão a vontade de ajudar? E interessa também que há frases de bocas que não vi e me perseguem baixinho:

— Quando começou a terra a tremer, eu orelhei-me.

— Apanhei com esta rombadá em arriba. Quando dei por mim, saltara para fora todo nu.

— A gente está brutos. A gente está brutos.

Pois. E há Sines, onde o hospital e a igreja estão para demolição e onde nas casas há fendas de caber o braço de um homem. E há Bensafrim, onde 60 casas estão inutilizadas, onde ficou ferida a mulher de Manuel Gomes e ele com escoriações na cabeça. E não percebeu ainda que a casa já não é sequer uma ruína e insiste em que o deixem fazer ali um cantinho. E há Monchique. E há Lagos. E Sagres. Santa Luzia. Alferce, Mata Porcas, Peso, Alcaria do Peso, Vale, Pomar Grande, Malhada Quente, Maia, Corte Grande, Picota, Fornalha, Foia, Estoi e tantas outras que não caberiam nestas páginas se desatasse a escrever só nomes.

Por isso, estou a olhar para o meu caderninho cheio de dores com rótulos e vou escrever sobre uma terra dessas que ninguém sabe que existem no Algarve, porque os que a cruzaram ou foi por engano no caminho ou de passagem. Uma terra no Algarve que não tem praia, que não tem hotel, que não tem restaurante nem «caveau», que só tem algarvios embasbacados a ver passar forasteiros de relance, alguém me acreditará se eu disser que existe?

Pertence ao concelho de

Vila do Bispo. Fica depois de Barão de S. João. Chama-se Barão de S. Miguel. Numa só rua, serão 30 ou mais as casas derrubadas?

— Ninguém sofreu de corpo. Foi uma misericórdia nesta terra — disse Domingos António Isidoro, removendo entulho com uma pá. E contou a sua história:

— Veio o primeiro e sasse-gou. Eu disse: «Bom, aprou». Mas depois... fugi de casa a correr, com a minha mulher. Ponho o pé na rua, cai a casa.

Barão de S. Miguel tem uns 600 habitantes, distribuídos por 200 fogos. Destes, uma sem conserto. Do resto, muito terá que ser apeado: as paredes despegadas umas das outras, nos cantos, são moeda corrente. E as que tiveram aproveitamento terão que ser convenientemente reforçadas.

O homem mais idoso de Barão de S. Miguel chama-se José António Pinguinha e tem 89 anos. O chão, à sua volta, ficou juncado num ápice de pedregulhos de 30 quilos e mais. Acorreram familiares, retiraram o ancião (que tem filhos na terra mas insiste em viver sòzinho). Chegadas à rua, a casa desmoronou-se por completo. E uma mulher, também de avançada idade, Isabel Francisca, de 81 anos, entrevada há longos anos, ficou atulhada em escombros até ao peito. Retiraram-na com dificuldade e verificaram que não tinha uma beliscadura.

E também vi os olhos arregalados, as borbulhas em pálida cara de adolescente, de Maria José do Rio, de 17 anos, que dormia com um irmão de 9 anos num primeiro andar quando se deu a derrocada da sua casa. Uma pedra enorme caiu desamparada, fez um buraco no chão, caiu no andar térreo ao lado da cama onde dormia o pai da pequena. Desesperada, em pânico, com a casa a desfazer-se à sua volta, a Maria José conseguiu fazer passar o irmão pelo buraco no chão, depois passou ela própria pelo estreito orifício onde uma cabeça mal cabe à justa. E «nem uma desfoladela ao cima da pele», como esclareceu o pai.

Parece-me que chega. Ficc-me por aqui e vou para Lisboa. Que lhes aproveite.



Barão de São Miguel. Maria José do Rio, de 17 anos, junto do buraco no soalho por onde conseguiu escapar-se à derrocada. «Nem uma desfoladela ao cimo da pele»

# SISMOS: QUANDO, COMO E PORQUÊ

Desde a formação da nacionalidade, os sismos mais violentos de que nos chegaram notícias registaram-se em 1356 (no dia 24 de Agosto, a cidade foi sacudida durante cerca de um quarto de hora, presumindo-se, pela duração do abalo, que tenha ficado, pelo menos, parcialmente destruída), em 1531 (a 26 de Janeiro: cerca de 30 000 mortos) e em 1551 (muitas casas destruídas na capital: mortos e feridos em todo o país) e, finalmente, a maior catástrofe: 1 de Novembro de 1755 (60 000 mortos, só em Lisboa).

As 1260 estações sismográficas em todo o Mundo detectam cerca de 500 000 tremores de terra por ano. Destes, 100 000 podem ser sentidos, e apenas 1000 causam estragos, maiores ou menores. A estatística não é muito animadora, tanto mais que, feitas as contas, temos uma média de cerca de três abalos «destruidores» por dia.

Se bem que se afirme situar-se Portugal na área de maior sismicidade do Mundo, tal não corresponde à verdade. É certo que a península Ibérica é uma zona particularmente afectada a abalos telúricos, mas quatro quintos dos sismos registam-se bem longe de nós, no chamado «anel de fogo do Pacífico», um círculo imenso que rodeia o maior dos oceanos.

Os cientistas consideram que os abalos sísmicos são vitais para o contínuo desenvolvimento do nosso planeta. A constante agitação da crosta terrestre é essencial para a vida: devido à contínua erosão das montanhas, se estas não fossem «arejadas» de quando em vez, o Mundo tornar-se-ia o cenário imenso de mares estagnados e pântanos. Mas na madrugada de 28 de Fevereiro passado não terá sido esta negra perspectiva que assustou muita gente.

Nenhum local está inune da possibilidade de um tremor de terra, mas, como já dissemos, quatro de cada cinco abalos telúricos ocorrem na zona do Pacífico. A outra área de maior sismicidade estende-se desde as Índias Ocidentais, através do Atlântico e do Mediterrâneo, até ao Himalaia.

Frequentemente, os epicentros dos sismos de que sentimos estão situados no Atlântico, perto da costa portuguesa, e numa vasta área de afundimento em forma de oval, rodeada pelas actuais costas do Algarve, sudoeste de Espanha e noroeste de Marrocos. O interior da península, a chamada meseta ibérica, é uma zona de relevos velhos, já estabilizados. As

costas portuguesas, pela sua formação (relativamente) recente, são as áreas mais susceptíveis de abalos. A linha da fractura mais importante é a do Tejo, sendo Lisboa e Benavente (23 de Abril de 1909: grandes destruições e cerca de 30 mortos) as áreas do país com maior sismicidade.

Também os Açores têm sido irrequietamente cenário de abalos sísmicos, por vezes de origem vulcânica. Todos se recordam ainda, certamente, da erupção do vulcão dos Capelinhos, em Maio de 1958, durante a qual, e devido ao tremor de terra provocado pelo abatimento da cratera que se formara após a expulsão da lava, foram destruídas três povoações e mais de 1000 casas.

Portugal detém, igualmente, o triste recorde do maior tremor de terra de que há memória: o terramoto, seguido de maremoto, de 1755. Não existiam sismógrafos, na altura, mas é opinião unânime dos peritos na matéria (entre os quais Richter, autor da célebre escala de intensidade) que a sua magnitude foi tal, que nunca outro se registara, nem registou, com tamanha violência. Basta dizer que a área afectada foi de cerca de 2 milhões e 500 000 quilómetros quadrados. Em Paris, os lustres tremeram nos salões e até na Escandinávia a água dos lagos e rios registou grande agitação, chegando a sair das margens.

Hoje em dia, a teoria dos abalos atribui as suas causas aos tectónicos desabamentos da crosta terrestre ao longo de desníveis e linhas de fractura, chamadas falhas. Quando a rocha cede sob o peso da matéria desabada, em algum ponto fraco, por vezes bastante abaixo da superfície, origina poderosas ondas de choque. Algumas circulam o Globo; outras, atravessam a Terra, por vezes a quinze quilómetros por segundo.

No que respeita às possíveis consequências de um terramoto, importa tanto a sua magnitude como a profundidade a que se situa. O tremor de terra do Faial, em 1958, por exemplo, foi apenas do grau VI da escala internacional, mas a sua superficialidade (devido ao facto de ser de origem vulcânica) tornou-o infinitamente mais destruidor que o extraordinário abalo (um dos maiores jamais registados no Mundo: do grau XI da escala internacional!) apenas sentido fracamente em Córdova, em 1956... pois o seu epicentro se situava a mais de 600 quilómetros abaixo da superfície.

